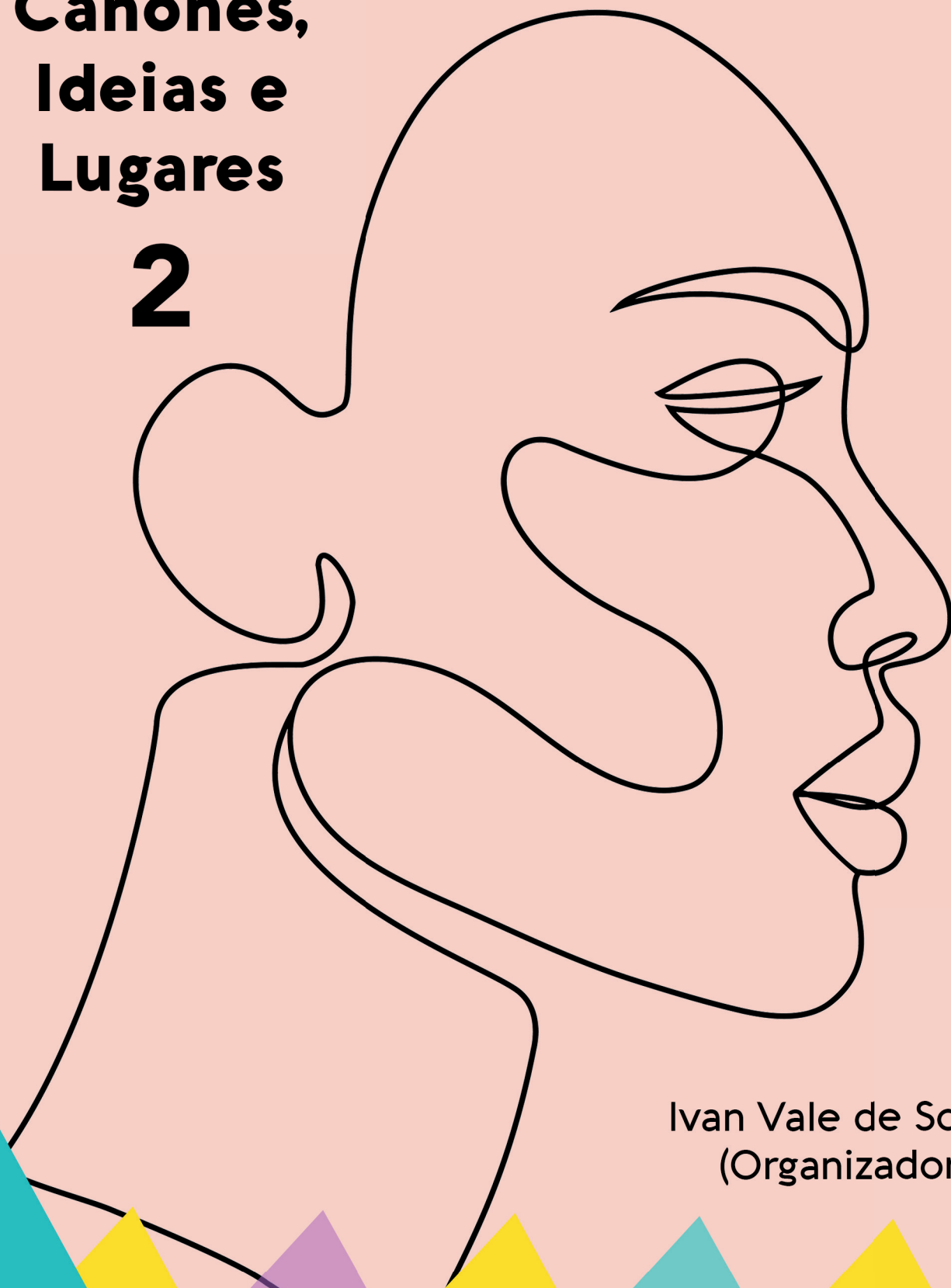


**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-117-6 DOI 10.22533/at.ed.176201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A produção da ciência passa pelos meandros da linguagem. Todos nós utilizamos a linguagem para interagir com nossos interlocutores e trabalhar com a linguagem é trabalhar também como focos estabelecidos e auxiliares do envolvimento dos sujeitos. Todos os sujeitos envolvidos na escritura desta coletânea se unem a outros tantos para que a formalização do conhecimento seja construída em uma cartografia de ideias e saberes.

Neste segundo volume deste e-book que surge em meio à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), Covid-19, infecção que tem assolado e desestruturado, emocionalmente, muitas pessoas que não tiveram uma experiência considerável com este sombrio momento que estamos passando; assim, externamos os nossos sinceros sentimentos e acreditamos que dias melhores estão por vir, mas, depende do compromisso de todos para que saíamos logo desse pesadelo que insiste em permanecer.

Escrever em uma situação de pandemia significa um momento solitário em que as lembranças insistem em se firmarem nas situações adversas da calamidade vivenciada pelo país e o planeta. A Covid-19 nunca foi e nem será apenas uma gripezinha ou um simples resfriado como alguns discursos malfeitos insistem perpetuar. A Covid-19 é uma infecção grave, merecendo inúmeros cuidados e todos nós somos responsáveis pela amenização dessa situação. O momento agora é de isolamento social sim e as ciências da linguagem despontam como necessárias para se pensar nas oportunidades e nos acessos que as artes, a linguística, a literatura e a linguagem encaminham os sujeitos a protagonizarem a participação no discurso.

Nesta obra são vinte capítulos que sancionam a multiplicidade de conhecimentos dos mais diversos autores que autorizam seus interlocutores a desbravarem os caminhos questionadores e propositivos das reflexões apresentadas. Cada um dos autores demonstram um avanço na diversidade das discussões que tomam as ciências da linguagem como portas que se abrem para o novo, para o inusitado e para o questionável.

Fazer ciência no Brasil não é uma tarefa fácil e este momento não representa uma ação digladiadora das áreas do conhecimento. Sendo assim, fazer ciência no Brasil é, sobretudo, um pleno exercício democrático, resistente e transparente de colocar o conhecimento em destaque para o acesso de todos.

Em linhas gerais, este e-book simboliza um amplo convite para que os leitores possam investigar os conhecimentos que estão apresentados em cada forma de organização do discurso e da linguagem. Logo, resta-nos desejar que os saberes encontrem suas experiências de trabalho com a linguagem, enfatizando que sejam boas e novas as reflexões apresentadas. Assim, aos pesquisadores e estudiosos de plantão desejamos uma boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O GÊNERO AUTOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Edilson Barbosa Martins Joseval dos Reis Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.1762019061	
CAPÍTULO 2	14
LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO ENSINO A DISTÂNCIA: O TCC DA ESCOLA DE GESTORES (FAE/UFMG)	
Ana Paula da Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019062	
CAPÍTULO 3	32
O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTO JUVENIL DE JOSÉ LINS DO RÊGO	
Adelmo Pereira dos Santos Hermano de França Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019063	
CAPÍTULO 4	41
OS ESTUDOS EM LETRAMENTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO PRISIONAL	
Walkiria Felix Dias	
DOI 10.22533/at.ed.1762019064	
CAPÍTULO 5	51
AS EVIDÊNCIAS DAS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1762019065	
CAPÍTULO 6	62
PERCEPÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS PAULISTANO: UM EXPERIMENTO <i>MATCHED-GUISE</i> COMBINANDO AS VARIÁVEIS (CN), (ẽ) E (-r)	
Isabel Pie	
DOI 10.22533/at.ed.1762019066	
CAPÍTULO 7	70
USO DO POEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ARTE DE LANGSTON HUGHES COMO UMA POSSIBILIDADE DIDÁTICO PEDAGÓGICA	
Lucas Damasceno Alberto Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.1762019067	
CAPÍTULO 8	81
POEMANDO POR AÍ: METODOLOGIAS ATIVAS E LUDICIDADE NO ENSINO DE POESIA	
Elaine Christina Mota Melissa Velludo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1762019068	

CAPÍTULO 9	94
GÊNERO E ARTE: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES PINTORAS NO SURREALISMO	
Isabela Iani Borges Oliveira	
Giovanna Aparecida Schittini dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1762019069	
CAPÍTULO 10	108
MUSICOTERAPIA E CRIANÇAS SURDAS COM IMPLANTE COCLEAR (IC): INVESTIGAÇÃO DA PERCEPÇÃO MUSICAL	
Roberto Augusto Corrêa Reinert	
Noemi Nascimento Ansay	
DOI 10.22533/at.ed.17620190610	
CAPÍTULO 11	119
REPRESENTAÇÕES DO CAOS NA MÚSICA DO SÉCULO XVIII	
Felipe Galhardi Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.17620190611	
CAPÍTULO 12	128
A ICONOGRAFIA MUSICAL NA OBRA <i>A REDENÇÃO DO AMAZONAS</i> , DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO	
Luciane Viana Barros Páscoa	
Keyla Moraes da Silva Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.17620190612	
CAPÍTULO 13	143
<i>TRACES DE DANSEUSE</i> – OUTROS TEMPOS ALÉM DO INSTANTE DECISIVO NA FOTOGRAFIA DE DANÇA	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.17620190613	
CAPÍTULO 14	155
O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE <i>GRAÇA</i> , DE LUIZ VILELA	
Lucas Fernando Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.17620190614	
CAPÍTULO 15	165
JAMES JOYCE E DUBLINENSES: ENTRE O LOCALISMO E O COSMOPOLITISMO	
Alisson Kameya	
DOI 10.22533/at.ed.17620190615	
CAPÍTULO 16	175
NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO	
Alice Fátima Martins	
Márcio Mário da Paixão Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.17620190616	

CAPÍTULO 17	185
O LABORATÓRIO IMAGINÁRIO: PRÁTICAS ESPECULATIVAS LOCALIZADAS	
Leonardo da Silva Souza	
Thawan Dias Santana	
DOI 10.22533/at.ed.17620190617	
CAPÍTULO 18	197
O MANIFESTO MARGINAL E AS SUAS MARGENS: UMA QUESTÃO DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA	
Priscila Linhares Velloni	
DOI 10.22533/at.ed.17620190618	
CAPÍTULO 19	211
O TÚMULO DO GENERAL: HISTÓRIA E ARTE NO <i>BRITISH CEMETERY</i> DO RECIFE	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Seifert Brahm	
Ronaldo Bernardino Colvero	
DOI 10.22533/at.ed.17620190619	
CAPÍTULO 20	225
RESGATANDO O ESPAÇO PÚBLICO: TEATRO DO OPRIMIDO & ESCOLA	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.17620190620	
SOBRE O ORGANIZADOR	234
ÍNDICE REMISSIVO	235

O GÊNERO AUTOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Data de aceite: 01/06/2020

Edilson Barbosa Martins

edilbm@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

João Pessoa-PB

<http://lattes.cnpq.br/2890034650401664>

Joseval dos Reis Miranda

josevalmiranda@yahoo.com.br

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

João Pessoa-PB

<http://lattes.cnpq.br/6303738632950566>

RESUMO: A Educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade de ensino assume, segundo documentos oficiais, o papel de reparar e conceder a igualdade de oportunidade, dando acesso a bens como leitura e escrita àqueles que em outro tempo não puderam usufruir, recolocando-os como capaz de participar efetivamente na sociedade altamente letrada e grafocêntrica. Assim, o trabalho em questão visa apresentar discussões envolvendo à Educação de Jovens e Adultos, no sentido de aperfeiçoar as práticas que envolvem o uso da escrita enquanto prática social na perspectiva do letramento, tomando o gênero discursivo autobiografia

como promotor de aprendizagem significativa. Como embasamento norteador das discussões tomaremos as Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2000), enquanto direcionamento legal para tal modalidade de ensino, com relação as práticas e usos sociais da escrita enquanto letramento, nos amparam Oliveira, Tinoco e Santos (2014), Kleiman (2005), Soares (2017) e no que diz respeito ao gênero autobiografia as contribuições de Lejeune (2008). As discussões e proposições aqui apresentadas configuram parte do que será desenvolvido em uma pesquisa-ação envolvendo os anos iniciais do ensino fundamental, II Ciclo da EJA, em uma escola pública do município de Santa Rita- PB. O caminho metodológico segue uma abordagem qualitativa intervencionista, por meio da pesquisa participante. Usamos ainda como procedimentos de geração de dados a observação participante, rodas de conversa e oficinas temáticas. De modo parcial, por se tratar de uma pesquisa em andamento, as discussões apontam para o letramento enquanto prática que envolve o uso efetivo da leitura e da escrita, como possibilidade de instrumentalização do aluno jovem/adulto/cidadão para participação consciente na sociedade atual, cada vez mais envolta

em variadas situações que exigem o uso efetivo da escrita. Nesse contexto, o gênero discursivo autobiografia vem sendo tomado visando contribuir para o aprimoramento da escrita desses alunos, colocando-os enquanto sujeitos que constroem a sociedade com sua efetiva participação, pois ao refletirem sobre suas vidas, colocam-se como construtores dessa realidade em que vivem, não sendo apenas mero espectadores. Desse modo, entendemos estar contribuindo para uma formação mais cidadã e que promova a partir do uso consciente da escrita, caminhos mais igualitários.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Letramento. Escrita. Autobiografia.

THE GENRE AUTOBIOGRAPHY AS POSSIBILITY FOR LITERACY IN THE EDUCATION OF YOUNG PEOPLE AND ADULTS

ABSTRACT: The Education of Youth and Adults as a modality of teaching assumes, according to official documents, the role of repairing and granting equal opportunity, giving access to goods such as reading and writing to those who at another time could not enjoy, replacing them as able to participate effectively in the highly literate and graphocentric society. Thus, the work in question aims to present discussions involving youth and adult education, in order to improve the practices that involve the use of writing as a social practice from the perspective of literacy, taking the discursive genre autobiography as a promoter of meaningful learning. As a guiding basis of the discussions we will take the Curricular Guidelines for the Education of Youth and Adults (BRASIL, 2000), as a legal direction for this type of teaching, with respect to the practices and social uses of writing as literacy, we support Oliveira, Tinoco and Santos (2014), Kleiman (2005), Soares (2017) and with regard to the autobiography genre the contributions of Lejeune (2008). The discussions and propositions presented here are part of what will be developed in an action research involving the initial years of elementary school, II Ciclo da EJA, in a public school in the municipality of Santa Rita- PB. The methodological path follows a qualitative interventionist approach, through participant research. We also used participant observation, conversation wheels and thematic workshops as data generation procedures. Partially, because it is an ongoing research, the discussions point to literacy as a practice that involves the effective use of reading and writing, as a possibility of instrumentalization of the young/adult/citizen student for conscious participation in today's society, increasingly involved in various situations that require the effective use of writing. In this context, the discursive genre autobiography has been taken in order to contribute to the improvement of the writing of these students, placing them as subjects who build society with their effective participation, because when they reflect on their lives, they place themselves as builders of this reality in which they live, not being just spectators. Thus, we understand that we are contributing to a more citizen formation and that promotes from the conscious use of writing, more egalitarian paths.

KEYWORDS: Youth and Adult Education. Literacy. Writing. Autobiography.

1 | INTRODUÇÃO

O trabalho em questão configura-se como fruto das nossas inquietações em torno do ensino que vem sendo praticado na Educação de Jovens e Adultos, no qual vemos de forma recorrente o transpor de práticas resgatadas do ensino regular, atividades organizadas para o trabalho com crianças e que são transpostas para o trabalho com os jovens e adultos, subtendendo-se, de certa maneira, que o aluno jovem e adulto chega à escola como tábua rasa, cabendo a mesma e através de práticas inadequadas, preenchê-lo com determinados conhecimentos.

Nesse sentido, desconsideram o aluno jovem e adulto como aquele que tem uma vasta vivência e experiência de mundo e que devem ser consideradas quando pensamos em práticas educativas voltadas para tal modalidade de ensino. Nesse contexto, a legislação vigente, reconhecendo a especificidade da Educação de Jovens e Adultos, enquanto modalidade educativa, com especificidades que a tornam única, reconhecem que as práticas desenvolvidas para a mesma precisam ser balizadas pensando na emancipação de seus alunos enquanto jovem/adulto/cidadão com experiências ricas e que devem ser aproveitadas e tomadas como ponto de partida para aprendizagens significativas.

Assim, este artigo procura situar à Educação de Jovens e Adultos como modalidade própria, que precisa conduzir suas práticas educativas sob um olhar de valorização e resgate dos conhecimentos que os alunos trazem consigo e precisam ser reelaborados pela escola, procura na verdade, conduzir uma proposta educativa na perspectiva dos letramentos, tomando o gênero discursivo autobiografia como meio no qual o aluno vem sendo conduzido a refletir sobre sua vida, suas vivências, consequentemente situando-o como protagonista do processo educativo, de certa maneira, conduzindo-o ao entendimento que ele, enquanto cidadão, pode e deve identificar-se como contribuinte para uma sociedade melhor.

Nesse caminho, quando o aluno escreve e reescreve sua história de vida, vale-se da escrita como instrumento que o coloca em pé de igualdade para uma atuação mais concreta, pois vive em uma sociedade altamente grafocêntrica e que exige de seus participantes habilidades sociais, que de uma maneira ou de outra, voltam-se para a escrita como instrumento de participação e interação.

Temos como aporte teórico que nos norteiam as Diretrizes Curriculares Nacionais para à Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2000), situando tal modalidade de ensino com especificidades próprias, reafirmando o compromisso de promover um ensino que contemple as reais necessidades do aluno jovem e adulto. Quanto à prática desenvolvida na perspectiva dos letramentos corroboram-nos Oliveira, Tinoco e Santos (2014), Kleiman (2005), Soares (2017) e outros, para o entendimento e discussão em torno do gênero autobiografia Lejeune (2008), tais autores, convidam-nos às práticas de escrita que sejam motivadas e conduzidas por situações sociais reais, assim constituindo-se, em

efetivas práticas de letramentos. Salientamos, no entanto, que as práticas de letramentos sugeridas em torno do gênero autobiografia, configuram-se como mais uma alternativa viável e que estamos nos propondo testá-la em uma turma da Educação de Jovens e Adultos, II ciclo da EJA, correspondente ao 4º e 5º anos do ensino fundamental regular, pois como já mencionamos, trata-se de uma pesquisa em andamento.

A pesquisa ora mencionada vem com uma abordagem qualitativa intervencionista, por meio da pesquisa participante, e tem como instrumentos de geração de dados a observação participante, rodas de conversa e oficinas temáticas. Vejamos no próximo capítulo como a legislação contempla a Educação de Jovens e Adultos.

2 | CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ATRAVÉS DA LEGISLAÇÃO

Ao traçarmos à trajetória Educação de Jovens e Adultos, pretendemos, vislumbrar e entender como o trato com esta modalidade educacional, de alguma maneira, sempre esteve a favor de políticas governamentais que nem sempre pautavam-se na melhoria da qualidade educacional oferecida, mas sempre de algum modo, visavam atender às demandas mercadológicas, desvinculadas do real sentido que deveria ser atribuído a determinada modalidade educacional. Nesse sentido, começamos por destacar um marco importante nos rumos tomados pela Educação de Jovens e Adultos no país, ocorrido no final do século passado, porém com repercussões nos anos vindouros, a V Conferência Internacional sobre Educação de Jovens e Adultos (V CONFITEA).

Começemos por citar os pontos definidos em comum na V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (V CONFITEA), ocorrida em julho de 1997, em Hamburgo, na Alemanha. Entre os pontos elencados na declaração, o segundo, de forma contundente, reforça o sentido e o entendimento entre os países participantes de tal conferência, sobre a importância da contribuição da Educação de Jovens e Adultos nos rumos que seriam tomados no século vindouro (séc. XXI), quanto à questão de desenvolvimento socioeconômico e científico, assim consta na declaração: “A educação de adultos, dentro desse contexto, torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade [...]” (UNESCO, 1997).

Tal entendimento na nossa compreensão, vem reforçar a importância da modalidade de ensino em questão e de alguma maneira, fazer com que países como o Brasil, repensassem a sua política educacional voltada ao jovem e ao adulto, pois no transcorrer dos anos anteriores, o que se pôde constatar foram meras adaptações feitas no sistema educacional vigente, sem contudo termos uma política educacional consistente, embora a LDBEN (Lei 9394/96) já mencionasse em seus artigos, um aceno para a estruturação da Educação de Jovens e Adultos no país.

Discorreremos adiante sobre como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos contextualizam tal modalidade de ensino.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos, PARECER CNE/CEB 11/2000, constitui-se como um avanço em termos de norteamentos curriculares e pedagógicos voltados ao ensino de jovens e adultos, uma vez que, em suas 68 páginas, aborda, conceitua, delimita e especifica todo um proceder, ao meu ver coerente e único, voltado para esta modalidade de ensino, que antes só era contemplada em termos gerais, ou seja, pura e simplesmente como uma modalidade de ensino, que deveria, como pertencente à educação básica, seguir orientações curriculares gerais.

Tais diretrizes vêm, apontando caminhos possíveis, reconhecendo equívocos passados cometidos, conforme constatamos em parte do mesmo documento, quando menciona:

[...] a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea (BRASIL, 2000, p. 5).

As diretrizes curriculares ainda apontam que essa mesma dívida social a ser reparada, tem raízes histórico-sociais que envolvem segregação entre escolaridade de ponta para as elites sociais, e uma educação “menor”, para as classes menos favorecidas (negros, indígenas, caboclos migrantes, entre outros).

Nesse sentido e seguindo um caminhar mais promissor, essas mesmas diretrizes, apontam para busca de uma Educação de Jovens e Adultos mais igualitária, reparando e dando oportunidades aos sujeitos participantes da mesma, direitos esses, que de alguma forma, um dia lhes foram negados num passado não tão distante. Seguindo ainda uma breve análise do mesmo documento, verificaremos que o mesmo apresenta a Educação de Jovens e Adultos, como aquela modalidade possuidora de um caráter próprio, com suas especificidades e um histórico tão peculiar, onde perpassam conceitos de sociedade e sujeitos que se mostram histórico-socialmente vulneráveis, como sustentados em vários pontos das referidas diretrizes, levando-se em consideração tais especificidades, deve a Educação de Jovens e Adultos, pautar-se pelas seguintes funções: função reparadora, equalizadora e qualificadora. Especificaremos cada uma das funções a seguir.

O parecer CNE/CEB 11/2000 assim especifica a função reparadora:

[...] A **função reparadora** da EJA, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Desta negação, evidente na história brasileira, resulta uma perda: o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. Logo, não se deve confundir a noção de reparação com a de suprimento (BRASIL, 2000, p.7).

Tal função, como bem especifica o documento, visa reparar danos quanto ao acesso

e permanência a uma educação de qualidade, acesso a bens comuns como leitura e escrita, que propiciarão aos seus detentores, melhores condições de interação em uma sociedade em constante efervescência tecnológica.

O mesmo parecer especifica da seguinte maneira a função equalizadora:

[...] **A função equalizadora** da EJA vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. Para tanto, são necessárias mais vagas para estes “novos” alunos e “novas” alunas, demandantes de uma nova oportunidade de equalização (BRASIL, 2000, p.9).

Essa função, conforme especificada pelas diretrizes, vem de alguma maneira, procurar redistribuir de forma mais igualitária os bens considerados sociais, entre os quais estão a apropriação da leitura e da escrita, de forma que tal apropriação garanta aos sujeitos envolvidos, no caso o jovem e o adulto, condições de igualdade para participar nas interações sociais, sendo estas, as mais diversas possíveis.

Trazendo, portanto, a terceira função da Educação de Jovens e Adultos, o parecer CNE/CEB 11/2000, especifica:

[...] propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida é **a função permanente** da EJA que pode se chamar de **qualificadora**. Mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares (BRASIL, 2000, p. 11).

Mencionamos a função qualificadora como aquela que expressa o caráter de incompletude do conhecimento e também do sujeito aprendente, ou seja, estamos aprendendo por toda a vida. Aprendemos constantemente e em variados espaços e épocas.

Cabe, pois, a Educação de Jovens e Adultos, conforme especificam as diretrizes, fazer com que, os sujeitos desse processo, encontrem seja por meio da função reparadora, equalizadora ou qualificadora: “um lugar de melhor capacitação para o mundo do trabalho e para a atribuição de significados às experiências socioculturais trazidas por eles”. (BRASIL, 2000, p. 11).

Nesse sentido, o trabalho na perspectiva dos letramentos, enquanto proposta educativa, vem fazer valer o cumprimento das funções especificadas nas diretrizes, e é sobre o trabalho nesta perspectiva, que discorreremos logo mais.

3 | O LETRAMENTO COMO PRESSUPOSTO PARA O TRABALHO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Conceituar letramento não nos parece uma tarefa tão fácil e simplória, visto que, muitos autores se debruçam a poder defini-lo de forma que tal conceito abarque ou contemple todos os aspectos, em termos de mudanças na sociedade atual em que vivemos e que não deixe de fora transformações, fatos e fenômenos que surgem ou que emanam como fruto do envolvimento da sociedade com a escrita e a leitura.

Para efeito de definição do termo letramento buscamos compreendê-lo sob o olhar de Tfouni (2005, p. 20) que o apresenta como aquele processo onde se “[...] focaliza os aspectos socio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade[...]”. Buscando ainda clarear nosso entendimento sobre o sentido e amplitude do termo letramento na sociedade atual, Soares (2017) vai além e busca na origem da palavra seus significados, vejamos:

[...] o termo **letramento** com o sentido que hoje lhe damos. Onde fomos buscá-lo? Trata-se, sem dúvida, da versão para o Português da palavra da língua inglesa *literacy*[...] ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la[...] (SOARES, 2017, p.17).

Ainda na busca por melhor entender o conceito de letramento, nos valem das considerações de Kleiman (2005, p.19), que em acordo com o que diz Soares (2017), assim posiciona-se sobre letramento: “[...] o letramento está relacionado com os usos da escrita em sociedade e com o impacto das língua escrita na vida moderna”.

Convergem assim no entendimento sobre letramento, Tfouni (2005), Soares (2017) e Kleiman (2005), quando em termos mais amplos, o definem como sendo as mais diversas situações sociais nas quais fazemos uso efetivo da leitura e da escrita. É nesse sentido pois, que defendemos as práticas desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos, como práticas que promovam e estimulem os variados letramentos em que estão envolvidos o aluno jovem/adulto/cidadão, em que a escrita, tomada como preconiza Soares (2017), enquanto prática social, possa instrumentalizar para uma participação consciente em termos de fazê-lo compreender que, de posse de bens sociais como a escrita, vislumbram-se caminhos mais dignos, com menos estigmas e com maior poder decisório nas instâncias sociais na qual participa. Dessa maneira, quando o aluno passa a estar consciente e podendo valer-se da escrita como instrumento que potencializa sua participação em sociedade, estamos promovendo de fato, como menciona a legislação sobre a Educação de Jovens e Adultos, uma educação para a vida.

Assim, somos de acordo que o trabalho promovido com tal modalidade de ensino, sempre que possível, seja assentado nas práticas sociais e que as mesmas é que sejam desencadeadoras de ações de leitura e de escrita, como postulam Oliveira, Tinoco e

Santos (2014).

Na verdade, Oliveira, Tinoco e Santos (2014) defendem um aprendizado norteado por projetos de letramento, remetendo ao uso consciente da leitura e da escrita na resolução de questionamentos oriundos do convívio em sociedade, ou seja, orienta-nos que um ensino promissor é aquele que pauta-se, enquanto motivação para aprendizagem, nas situações vivenciadas em sociedade, instiga-nos a trabalhar com projetos de letramento e sobre os mesmos assim afirmam:

[...] em um projeto de letramento, são as práticas sociais que desencadeiam as ações de leitura e escrita [...] poderíamos dizer que a implicação central do trabalho com projetos de letramento é a construção identitária do leitor-escrevente-cidadão-eleitor-participante. Logo, aprender por projetos é aprender respondendo a uma necessidade vinculada a uma prática social [...] (OLIVEIRA, TINOCO; SANTOS, 2014, p. 48).

Nesses moldes, sustentamos que é necessário e tem real significado, o trabalho com um projeto de letramento na Educação de Jovens e Adultos, no caso em questão, no II Ciclo (anos iniciais), que coloque o aluno cidadão como protagonista do processo, onde o mesmo veja-se como participante efetivo na construção da sua identidade enquanto cidadão/escrevente/eleitor, como apontam Oliveira, Tinoco e Santos (2014).

Sustentamos que um projeto de letramento que dê significado as atividades desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos, que de alguma maneira resgate o que ele já sabe, problematizando esse saber através das suas vivências, é um bom ponto de partida para promovermos as reparações na qual as Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos mencionam como pontos a serem considerados, quando falamos em um currículo para tal modalidade. Diante disso, o trabalho do professor voltado para práticas que efetivamente sejam práticas de letramentos torna-se urgente e necessário, e é sobre o trabalho do professor que discorreremos nas próximas linhas.

3.1 O trabalho do professor na perspectiva do letramento na Educação de Jovens e Adultos

O trabalho do professor na Educação de Jovens e Adultos, levando-se em consideração que sua prática venha pautar-se como práticas de letramentos, precisa ser coerente e desafiador, considerando todas as implicações citadas acima, que não seja apenas um mero reproduzidor das atividades propostas no livro didático, que ao invés de estimular à criatividade e trazer situações concretas que ponham o aluno a refletir sobre tal temática, sendo esta relacionada com suas vivências, conduz a certo comodismo e leva o mesmo a entender que os conteúdos que a escola apresenta são apáticos à sua realidade, encerrando-se sua eficácia quando termina a atividade em sala.

Entendemos que o professor que queira desenvolver um trabalho na Educação de Jovens e Adultos baseado em projetos de letramento precisa compreender que seu trabalho deve estar diretamente interligado com as situações sociais vivenciadas por seus

alunos enquanto trabalhadores da construção civil, enquanto domésticas e donas de casa e outros papéis sociais assumidos por seus educandos, com isso queremos dizer que toda atuação e abordagem de conteúdos precisam ser ressignificados dentro dessa identidade social vivenciada pelos mesmos, não para produzir conformação, mas, a partir da tomada de posição e da compreensão do seu lugar na sociedade poderem interagir socialmente, questionar ou ratificar suas posições sociais, porém de forma consciente, enfrentando às situações que lhes são impostas com respaldo, respaldos esses, que só serão efetivados de fato com a apreensão e uso consciente da escrita.

Escrita enquanto instrumentalização, enquanto poder que os conduzem a uma participação mais efetiva e consciente na sociedade letrada, assim, cabe ao professor reelaborar suas práticas para além da mera transmissão de conteúdos, problematizando suas atividades, reconduzindo-as de maneira que as mesmas sejam sempre colocadas a partir de situações-problemas advindos da participação das diversas esferas sociais nas quais os alunos participam, pois são essas situações verdadeiros eventos de letramentos, ricos de vivência, na qual pode dar-se o aprendizado e aprimoramento da escrita.

Compete ainda ao professor, valorizar todo esse conhecimento que o aluno já traz consigo, mostrando que o conhecimento que ele tem pode ser o ponto de partida para um aprendizado mais sistemático, consciente e politizado, o professor nesse meio termo, apresenta-se como mediador, como aquele que partindo dos conhecimentos de mundo trazidos pelo aluno, problematiza, reelabora certas maneiras e formas de apresentar determinadas temáticas, tudo sendo conduzido pelo professor, estando o mesmo consciente de suas posturas e tendo bem claro, qual o seu papel enquanto formador de opinião e desencadeador de novas atitudes de seus alunos, enquanto aluno/jovem/adulto/cidadão.

Paulo Freire acerca de termos uma postura clara enquanto educadores assim afirma: “[...] Mas é neste sentido também que, tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, umas das questões fundamentais seja a clareza em torno de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, fazemos a educação[...].” (FREIRE, 2003, p.23). Reafirmamos assim, que a nossa postura enquanto professor atuante na Educação de Jovens e Adultos, seja uma postura questionadora, que compreenda que educar envolve relações de poder e que a postura do mesmo deve privilegiar uma educação que ponha-se a favor de seus alunos e dele mesmo, enquanto parte integrante na qual historicamente sempre lhes foram negadas oportunidades.

Ainda concordamos com (FREIRE, 1996), quando o mesmo alerta-nos que ensinar exige reflexão sobre a nossa prática, com isso leva-nos a entender o professor como aquele que, ao pensar o fazer pedagógico, o faz de maneira que os conteúdos não se encerrem em si mesmos, mas problematizados cumpram sua função libertadora, esclarecedora, enfim, ganhem visibilidade e utilidade fora dos muros da escola, dessa forma, estaremos repito, preparando para a vida.

Passemos a compreender como o gênero discursivo autobiografia vem sendo tomado para a promoção de práticas que se efetivam como práticas de letramento.

4 | OS LETRAMENTOS A PARTIR DO GÊNERO AUTOBIOGRAFIA

Ao propormos trabalhar com a história de vida dos alunos, a intenção é colocá-los como construtores da sua própria identidade, refletindo enquanto cidadão que produz história, que intervém, que constrói assim a sociedade em que vive.

Nesse mesmo movimento de construção e reconstrução da sua identidade, enquanto ser que participa das decisões da sociedade, ao escreverem sobre suas próprias vidas, passam a refletirem também, sobre sua inserção na sociedade, compreendendo que de alguma forma não só vivem debaixo de ordens e regras que foram criadas por outros seres sociais distanciados de seu convívio, mas começam um processo de sentir-se como construtor dessas mesmas regras, colocando-os assim, enquanto atores sociais atuantes.

Segundo Lejeune (2008), a autobiografia trata-se da história de vida de um indivíduo contada por ele próprio. Nessa perspectiva o trabalho envolvendo a escrita e reescrita do gênero autobiografia, promove um processo de melhoria da escrita desses alunos, ao mesmo tempo em que os coloca como protagonistas do processo educativo.

Dessa maneira, e tratando-se como já mencionamos de uma pesquisa em andamento, planejamos o desenvolvimento de uma oficina na qual os alunos foram convidados a irem apropriando-se do gênero autobiográfico.

Para um primeiro momento, levamos um excerto da autobiografia de Malala, contida no livro *Eu sou Malala*, no qual a mesma conta um pouco de sua história, a intenção é fazer com que os alunos se familiarizem com termos e expressões linguísticas que comumente são utilizados, tais como narrativa em primeira pessoa do singular, entre outras questões.

Promovemos a leitura compartilhada do excerto do livro em questão, sempre atentando-nos para a forma utilizada pela autora para escrever sobre sua vida, levando em conta caracterização do local de seu nascimento, data e outros, como características que marcam a escrita de tal gênero, e que devem ser consideradas quando forem escrever suas autobiografias.

Em momento posterior discutimos sobre pontos importantes que precisam aparecer em uma autobiografia, tais como: nome completo, local de nascimento, fatos importantes que marcaram suas vidas, o que sonham para o futuro ou coisas semelhantes. A intenção de tal discussão é, posteriormente, termos um apanhado de situações que poderão aparecer nos textos autobiográficos, tornando-os mais ricos.

Em outro momento, os alunos são convidados a listarem os pontos que acharam importantes e que deverão aparecer em seus textos autobiográficos. Deixamos claro

que tais pontos listados serão retomados em oficinas posteriores, onde cada aluno será convidado a escrita (produção inicial) do seu texto autobiográfico, e que será de muita valia a lista que produzimos, para o desenrolar das produções escritas que virão em oficinas posteriores.

O que expomos neste artigo é uma pequena amostra, como já deixamos explicitado, de atividades e oficinas que, tomando o gênero autobiográfico, serão desenvolvidas e testadas como maneira viável para o aprimoramento da escrita de alunos jovens e adultos, sujeitos do processo educativo desenvolvido na Educação de Jovens e Adultos, e que como sujeitos sociais ativos, que escrevem e reescrevem sobre suas vidas, conseguem perceber-se como modificadores do meio social em que vivem e não apenas como mero espectadores. A partir da apropriação da escrita, escrita que parte das suas histórias de vida, que os coloca como protagonistas do processo e que ao mesmo tempo em que produz um aprendizado mais consciente da grafia das palavras, também produz conscientização, quando coloca o aluno para refletir sobre suas vivências, compreendendo que as mesmas constroem a sociedade da qual fazem parte.

O trabalho com o gênero autobiografia, nesse sentido, passa a ser tomado muito além de puro pretexto para o aprendizado estanque do código linguístico, enquanto escrevem e reescrevem, a intenção é provocar reflexão sobre o papel que cada um de nós temos no exercício da cidadania, que conseqüentemente passa pela escolha de nossos governantes, perpassa também, pelas minhas atitudes de respeito e valorização ou não, de ações afirmativas que coloca para o outro, meu semelhante, aquilo que eu quero para mim, enfim, ao escrever sobre a nossa história de vida vem à tona diversas atitudes ou falta delas, que permearam a minha vivência enquanto ser social, pertencente a dada sociedade, o que a nosso ver provoca mudanças de atitudes, configurando-se em aprendizagens, aprendizagens essas que levaremos para a vida.

Assim, esperamos que ao tomarmos o gênero discursivo autobiografia, com o qual trabalharemos em diversas atividades e perspectivas, o mesmo cumpra seu objetivo maior que é, produzir aprendizagem com a qual o aluno jovem e adulto consiga inserir-se nas diversas práticas sociais com habilidade e capacidade suficiente, para poder participar efetivamente enquanto indivíduo que letrado, vale-se de tais instrumentos propiciados pelo domínio da escrita para agir e interagir satisfatoriamente na sociedade, que como já mencionamos, é altamente condicionada pela escrita.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho procuramos defender a Educação de Jovens e Adultos, que respaldada pela legislação educacional em vigor, deve apresentar-se como modalidade que tem como objetivo assegurar ao aluno jovem e adulto, que teve negado direitos

essenciais como acesso à leitura e a escrita, reparação dessa condição de negação, promovendo aprendizagens que os preparem para uma atuação mais digna e consciente na sociedade.

Levando em consideração à promoção de atividades significativas voltadas para tal modalidade de ensino, defendemos uma proposta de letramento, ainda que em andamento, que viesse propiciar ao aluno condições de ver-se como protagonista do processo educativo, tomando como ponto de partida o gênero autobiográfico, ou seja, a partir da história de vida dos mesmos, refletir sobre seu papel enquanto construtor da sociedade na qual vive e participa, pois ao escrever sobre si, entendemos que como consequência dessa escrita, trazemos conosco reflexões sobre nossa postura enquanto cidadão que contribuiu e contribui para a formação da sociedade que temos hoje, seja quando participamos dos pleitos eleitorais, tomando decisões que afetam diretamente nossas vidas em sociedade, seja quando reivindicamos ou não, direitos que asseguram-nos melhor estado de vida, enfim, defendemos ao logo do artigo que, ao escrevermos sobre nossa história de vida, conforme propomos, abrem-se reflexões sobre nossas posturas, enquanto atores que atuam para a manutenção ou mudança de certos fatores que nos conjugam enquanto seres sociais.

Portanto neste artigo, a pretensão foi defender o gênero discursivo autobiografia como uma possibilidade viável para o desenvolvimento do senso crítico, a partir de aprendizagens significativas, que promovam efetivamente o letramento, enquanto uso efetivo da escrita em diversas situações sociais.

Por fim, deixamos certos que a pesquisa se encontra em andamento, porém já nos aponta caminhos exequíveis quanto à promoção de aprendizagem significativa voltada à Educação de Jovens e Adultos, valendo-se do gênero discursivo em questão, sempre trabalhado na perspectiva de situações reais, que conduzem a um efetivo letramento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, MEC, 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Parecer CEB 11/2000. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2003.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? Linguagem e letramento em foco**. Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

OLIVEIRA, Maria do Socorro; TINOCO, Glícia Azevedo; SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/1/11787/1/Ebook%20Projetos%20de%20letramento.pdf> Acesso em: 26 out. 2019.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2005.

UNESCO. **Declaração de Hamburgo e Agenda para o futuro**. Conferência Internacional de Educação de Adultos. Hamburgo, Alemanha, 1997.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição 72, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141

Adultos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 50, 86, 110, 228, 233

Arte 34, 35, 70, 73, 74, 79, 94, 95, 97, 106, 107, 129, 140, 144, 146, 149, 154, 175, 180, 185, 187, 190, 195, 211, 212, 218, 219, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 234

Aurélio de Figueiredo 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141

Autobiografia 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 105

C

Cartier-Bresson 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Categorias 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 88, 94, 132

Crianças 3, 33, 70, 71, 78, 87, 104, 108, 109, 110, 117, 140, 208

D

Dança 138, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Debreagem 51, 55, 56, 59

Discurso 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 122, 131, 140, 149, 155, 156, 163, 166, 167, 170, 172, 186, 191, 194, 200, 218

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 22, 25, 26, 30, 31, 32, 34, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 70, 79, 94, 123, 159, 175, 181, 183, 184, 211, 213, 226, 227, 228, 232, 233, 234

Educação a Distância 14, 16, 234

Educação Prisional 41, 42, 43, 46, 48

Enunciação 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 77

Enunciado 42, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Escrita 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 42, 46, 47, 54, 82, 88, 102, 178, 186, 187, 198, 200, 201, 208, 209, 229

Existencialismo 155, 156, 164

F

Fotografia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 218, 220, 222

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 15, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 50, 67, 81, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 129, 177, 178, 179, 181, 183, 186, 199, 201, 203, 204, 208

Guerra Civil Espanhola 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79

I

Iconografia musical 128, 133

Implante 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117

J

Jovens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 21, 50, 64, 102, 176, 177, 182, 205, 228, 229, 232, 233

L

Langston Hughes 70, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80

Leitura 1, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 46, 49, 50, 71, 72, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 93, 111, 186, 199

Letramento 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 29, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 81, 84, 87, 92

Letramento literário 32, 39, 40, 81, 84, 87, 92

Letramentos Acadêmicos 14, 17, 19, 20, 22, 23, 27

Literatura 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 49, 70, 71, 72, 75, 79, 81, 82, 83, 91, 92, 96, 102, 119, 129, 155, 156, 157, 159, 163, 166, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 213

Ludicidade 81, 84, 85, 86, 87, 89, 92

Luiz Vilela 155, 156, 163

M

Metodologia 25, 26, 36, 43, 81, 86, 87, 89, 113, 191, 219, 227, 228

Musicoterapia 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118

P

Percepção Musical 108, 110, 111, 114, 116, 117

Pintura 96, 98, 128, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 144, 147, 149

Poema 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 120, 121, 207

Poesia 34, 70, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 92, 132, 137, 139

Políticas públicas 41, 42, 47, 48, 180

Português Paulistano 62, 63, 64, 65

Práticas 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 32, 43, 46, 47, 49, 50, 103, 110, 182, 186, 187, 189, 190, 193, 194, 195, 231, 232

S

Sartre 155, 157, 160, 161, 162, 164

Sociolinguística 62, 64, 65, 66, 68

Surrealismo 94, 95, 103, 106

T

Tempo 1, 10, 11, 30, 34, 44, 51, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 70, 75, 77, 79, 82, 85, 96, 100, 101, 102, 132, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 168, 169, 171, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 201, 211, 214, 219, 223, 226, 229

Trabalho de Conclusão de Curso 14

V

Variáveis sociolinguísticas 62, 63

 **Atena**
Editora

2 0 2 0